

A SABEDORIA É UM PARA-
DOXO. O HOMEM QUE MAIS SA-
BE É AQUELE QUE MAIS RECO-
NHECE A VASTIDÃO DA SUA
IGNORÂNCIA. SÓ O IGNORANTE
PRESUME DE SÁBIO.

D. ALBERTO BRANDÃO

(Preço avulso: 5\$00) N.º 693

693

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Ref. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 6 25 36 LOULÉ

Encerramento apoteótico Algarve/78, o quê?

Era aguardado naturalmente com grandes doses de expectativa o espetáculo culminante que encerraria esse exuberante desfile de representações regionais integrado na gritante legenda divulgada sob a designação de II FESTIVAL NACIONAL DE FOLCLORE — ALGARVE/78.

Com efeito, após a encenação da faceta cultural e actuação dos grupos folclóricos em 15 concelhos do Algarve, oferecidos como paliativo, o espectáculo supremo mactado para o dia 10, em Vila-moura, que congraçaria a presença de todos os ranchos participantes, surgia assim, perante o consenso público, como o chamariz de conjunto mais aliciante e excitante.

Esse vincado favoritismo foi de facto amplamente confirmado e traduzido pela imensa mole de gente que horas antes do espectáculo afluíu e se abateu sobre o local, invadindo não só a área que lhe estava destinada como tomando de assalto, incontrolável, o diminuto recinto de lugares reservados.

Estimou-se que a enorme assistência, onde se misturaram em heterogênea multidão, turistas na-

UM REPARO

SOBRE O JARDIM DOS «AMUADOS»

Não se tape a linda vista que no Jardim dos «Amuados» os visitantes desfrutam do vasto horizonte que se lhes depara de Norte a Sul.

Na parte Norte construções de altos prédios já realizadas, tapam, lamentavelmente, determinadas belezas naturais que se avistavam (agora não) do respectivo (Continua na pág. 2)

Grupo Misto Musical Pró Beneficência Louletana



Grupo Misto Musical Pró-Beneficência Louletana

do Adro.

2.º Plano: em pé: Sofia Viegas do Adro, Maria da Conceição do Adro, Maria da Piedade Maltezinho, Grazie la Fáisca Angelino, Teresa de Jesus Madeira, Joaquina de Barros Cristina e Álvaro Fáisca Angelino.

ral que um trabalhador agrícola receba um salário igual a metade de um trabalhador fabril e que o agricultor, suportando todos os riscos, como empresário que é, nem esse salário consiga, muitas vezes, contabilizar.

Há que modificar este acordo de coisas, o que só é possível por um aumento das produções unitárias e, ou, por uma melhor

Compra a crédito

de cereais americanos

atinge 1.800 milhares de contos

(PAGINA 2)

Compra a crédito de cereais americanos atinge 1800 milhares de contos

Foi recentemente celebrado entre Portugal e os Estados Unidos um acordo, ao abrigo do qual poderão ser fornecidas ao nosso país, até 31 de Outubro p'róximo, 200 mil toneladas de trigo, no valor de 1170 milhares de contos, em condições especiais de crédito.

Além deste crédito o acordo prevê um outro atinente a 459 mil contos para a aquisição de

103 mil toneladas de milho/sorgo e ainda de um outro, de 171 milhares de contos, para aquisição de 10 mil toneladas de arroz. Nos termos contratuais, Portugal obriga-se ao pagamento inicial de 5% do montante da compra, pagando o restante em 15 prestações anuais, vencendo-se a primeira amortização três anos após a data da última entrega de produtos, e uma taxa de juros de 5%.

(continuação da pág. 1)

do circuito, os produtos perecíveis em boas condições de conservação.

A região do País onde este conjunto de pressupostos está mais avançados é a do Algarve, área escolhida para os estudos preliminares, por razões que se apon-

— Zona turística de grande desenvolvimento, com a consequente necessidade de melhor aproveitamento das produções e da distribuição de produtos alimentares perecíveis;

— Área demarcada com carac-

Encerramento apoteótico do II Festival Nacional de Folclore Algarve-78

(continuação da pág. 1) companhia de relevantes entidades oficiais e cívicas, tomou lugar na tribuna.

«A pontualidade, é a generosidade dos reis», refere um velho adágio popular que aqui, em alusão à circunstância, parafraseamos com propriedade.

Logo depois, Maria Leonor, deu começo às notas introdutórias do desfile, aberto pelos bombos dos «Mareantes do Douro» e apresentou cada um dos grupos, que numa rápida passagem pelo palco exibiram as variadas e coloridas indumentárias envergadas, recebendo do público fortes ovacões.

No prosseguimento, teve lugar as actuações propriamente ditas dos ranchos folclóricos, que no apertado tempo estipulado exibiram, em sucessão vertiginosa, o maior número possível de marcas coreográficas.

Assim, actuaram: Rancho Folclórico de Castelo de Vide, Rancho Folclórico «Os Camponenses» da Casa do Povo de Riachos, Rancho Folclórico da Região de Leiria, Rancho Folclórico do Monsanto, Grupo Folclórico de Folgazinho, Grupo Folclórico da Região de Vouga, Grupo Folclórico de St. Cecília de S. Miguel, Grupo Folclórico de Pias — Cinfães, Rancho Folclórico das Lavradeiras de Carreço, Rancho Folclórico dos Pescadores de Cabanas, Rancho Típico de Amorosa, Rancho Folclórico Poveiro, Rancho Folclórico da Camacha — Madeira, Rancho Folclórico das Lavradeiras de Soajo, Grupo Coral e Etnográfico de Pias e Brinches e Rancho Folclórico de Faro.

Como foi dado apreciar todas as regiões do país estiveram dignamente representadas, fornecendo uma mostra de conjunto extremamente expressiva.

No princípio e no fim do festival foi lançado vistoso fogo de

artifício, que emprestaram ao ambiente suplementar brilhantismo.

—/—

A iniciativa foi levada a efeito pela Comissão Regional de Turismo que contou com a colaboração da Secretaria de Estado da Cultura, Direcção-Geral de Espectáculos, Região Militar Sul, Governo Civil de Faro e Câmaras Municipais do Distrito de Faro e ainda Força Aérea Portuguesa.

PORQUE NÃO ACTUOU A BANDA FILARMÓNICA ARTISTAS DE MINERVA?

Em contradição com o constante do programa final, em Vilamoura, não foi sem surpresa e estranheza que embora presente no II Festival Nacional de Folclore — Algarve/78, não participar nele a Banda Filarmónica Artistas de Minerva, a única do seu género que para o grandioso cartaz fora expressamente convocada.

Para a incongruência verificada, não se vislumbra qualquer explanação plausível, nem sequer a perturbação notória a que certo sector do público lançou sobre o ordenamento e processamento do desfile.

Recabendo ordens contraditórias logo de entrada, que impediram de prestar o seu contributo à chegada do Presidente da República,

APARTAMENTO

VENDE-SE

Com 4 açoalhadas e 2 casas de banho.

Urgente. Motivo à vista. Tel. 62482 — LOULÉ.

SIEMENS SURDOS

UM SÍMBOLO DE QUALIDADE DE FAMA MUNDIAL

MOURATO REIS

Especializado em Acústica Médica na Alemanha

ATENÇÃO ALGARVE

CONSULTAS no dia 27 de SETEMBRO nas seguintes cidades, onde o especialista da nossa Casa faz a aplicação de prótese auditiva:

Em PORTIMÃO — na Farmácia Carvalho das 9 até às 11 h.

Em LOULÉ — na Farmácia Pinto às 12 horas.

Em OLHÃO — na Farmácia Rocha às 15 h.

Em FARO — na Farmácia Almeida das 17 até às 19 h.

LARINGES ELECTRÓNICAS.

Escritórios e Laboratórios em Lisboa: Rua da Escola Politécnica (entrada pela Calç. Eng. Miguel Pais, 56-1.º)



Ouvido Secreto

Plano de frio do Algarve

(continuação da pág. 1)

do circuito, os produtos perecíveis em boas condições de conservação.

A região do País onde este conjunto de pressupostos está mais avançados é a do Algarve, área escolhida para os estudos preliminares, por razões que se apon-

— Zona turística de grande desenvolvimento, com a consequente necessidade de melhor aproveitamento das produções e da distribuição de produtos alimentares perecíveis;

— Área demarcada com carac-

terísticas ecológicas bem definidas e muito diferenciada da região contígua (Alentejo);

— Previsão de expansão dos sectores da agro-pecuária e pesca;

— Óptimos recursos naturais;

— Região já muito bem estudada do ponto de vista estatístico.

Após os estudos prévios, em colaboração directa com entidades locais e outras, que permitiram ao I.N.F. o conhecimento exaustivo dos elementos necessários para a apresentação de metas e soluções viáveis para o plano da Rede de Frio do Algarve, acordou-se na intervenção de uma missão de técnicos noruegueses que acompanharam os técnicos portugueses na fase de testagens do estudo e que confirmaram os resultados obtidos sugerindo, no entanto, alternativas ao projecto elaborado.

Desta forma tornou-se indispensável a elaboração de um estudo preliminar e de viabilidade das principais infraestruturas para a rede de Frio do Algarve.

Assim foi aberto um concurso limitado a três empresas de projectos (foram escolhidos entre empresas nacionais a fim de desenvolver as actividades destas e permitir a aquisição de Know-How) das quais foi seleccionada a PROFABRIL cuja missão, em termos concretos, será a de ponderar as diversas pistas e projectos apresentados ao longo do processo, e encontrar as soluções adequadas, o que implica genericamente:

— A avaliação crítica dos estudos existentes;

— Completar o planeamento prospectivo da rede de frio;

— Definir (nível de estudo prévio) as dimensões e características funcionais das unidades constitutivas da rede;

— Estudar as alternativas de

implantação funcional dos conjuntos de unidades a prever;

— Proceder aos estudos de microlocalização das instalações;

Em resumo, habilitar o I.N.F. com os conhecimentos dos princípios institucionais básicos recomendáveis para a sua acção de implementação dos projectos, bem como quanto à gestão das instalações e/ou do seu conjunto.

Ultrapassada esta última fase de planeamento e aprovada superiormente a conclusão final, estarão reunidas as condições necessárias e suficientes para o início da execução da obra, que se prevê começar no último trimestre de 79.

Em linhas gerais os estudos já efectuados pelo I.N.F. e pelas entidades que com ele colaboraram, apontam para a necessidade de prever, no Distrito de Faro, as seguintes unidades:

Entreposto frigorífico polivalente;

Entreposto(s) frigoríficos(s) para pescado; Matadouro frigorífico;

Central(ais) leiteira(s); Centro(s) Fruteiras;

Instalação para aves e ovos; Mercado abastecedor polivalente, podendo algumas delas vir a agruparem-se num complexo agro-industrial frigorífico localizado de preferência na região de Faro.

O estudo que agora se inicia sob a coordenação do I.N.F., apoia-se á nas actividades das entidades oficiais, privadas e cooperativas ligadas à produção e comercialização dos vários produtos, envolvendo-as assim numa participação contínua no projecto.

Através de um plano conjunto para os diversos sectores pretendendo assegurar:

1. — Uma melhor utilização das várias instalações com investimentos menos vultosos;

2. — A viabilidade dessas instalações que através de determinadas dimensões a que se poderá chegar com uma certa centralização permitirá um abaixamento de custos de processamento.

Um reparo sobre o «Jardim dos Amuados»

(continuação da pág. 1)

ângulo. E que não suceda o mesmo nos restantes ângulos visuais, o que a verificar-se seria simplesmente a morte do nosso encantador Jardim dos «Amuados» à Matriz.

A luz, a vista, o recreio espiritual do principal miradouro público da nossa terra exige, reclama mesmo, que haja para com esses seus atributos o respeito e a solicitude devidos.

Os louletanos e os visitantes ocasionais, saberão reconhecer esse imperativo que lhe assiste: não retirar o atractivo panorâmico do nosso mais afectuoso jardimzinho.

Loulé, 28/Agosto/1978

UM LOULETANO

NOTA DA REDACÇÃO — Já nos tínhamos ocupado deste assunto na edição anterior, quando nos surgiu este reparo proveniente de um antigo e idóneo louletano, que nutre pela sua terra natal acendrada admiração.

O seu depoimento veio reforçar o nosso ponto de vista e confirmar a opinião por nós expandida concernente à preservação das condições ora ainda viventes que conferem ao Jardim dos «Amuados» as prerrogativas de um privilegiado miradouro público.

Pelos vistos está a generalizar-se a apreensão no tocante ao futuro deste logradouro muito querido pelo povo desta terra.

Bom seria que as entidades competentes (se o não fizeram

já) tomassem as suas medidas cautelares de modo a evitar que a urbanização intensiva «desumanize» o tão aprazível e venerando «Jardim dos Amuados».

ALMANSIL



AGRADECIMENTO

IRENE FILIPE BOTA

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta durante a doença que a vitimou e bem a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

PROPRIEDADE

VENDE-SE, de boa terra de semejar composta de amendoeiras, figueiras, oliveiras e alfarrobeiras.

Informa na Rua Condestável D. Nuno Álvares Pereira, n.º 3 ou na R. do Matadouro, 4 em Loulé.

CARIMBOS

Executam-se na

GRAFICA LOULETANA

Rua Marechal Gomes da Costa

Telef. 62536 LOULÉ

EMPREGADO

PRECISA-SE

De 13 a 15 anos.

Nesta redacção se informa.

VOZ INTIMA

Crónica de LUÍS MONTEIRO PEREIRA

O VAZIO

Palavras, Símbolos, Governos sem governo. O vazio.

Impasse político que não se resolve com a simples metamorfose de linguagem política e consente os ventos. Metáforas criadas. Consultas a horóscopos. E o Povo que vá à bruxa se quiser saber do futuro do seu País. De semana a semana os partidos atrapalhando a sua própria existência, a pregação rouca da Democracia e a importância dos «leitores» em aparecerem sempre na mesma televisão, na mesma rádio, nos mesmos jornais. O humor da gentilha deputada bem servidos de ordenância, bem seguros no altar das fatias lascivas.

Poder executivo viciado logo à partida pelas tendências líricas. Safanões. Ora agora crítico eu, ora agora críticas tu. Vias originais aprovadas pela originalidade de uma Constituição que todos prometem defender. Todos fiéis aos ideais democráticos. A tese do desenvolvimento económico apostada na continuidade da paralisação de empresas, da incompetência e do desemprego. As negociações chorudas com o estrangeiro, o progressismo de que, quem faz perigar a Democracia, são os que apontam os erros dos sucessivos governos. O sector agrícola nas mãos de quem não dá valor ao peso do arado. (Melhor mesmo pagar num pau em vez de uma caneta e dizer basta!). Um movimento sindical alheio aos problemas dos trabalhadores. A juventude velha e cansada, desorganizada, permitindo todas as arbitrariedades da cultura indigesta. Governos sempre confiantes à partida e as palavras de pólvora no

fim, justificativas do malogro geral. Governadores dando banquetes aos parasitas, o encerramento das sessões com um discurso de solução para todos os problemas.

Por um lado o palavreado e as promessas fáceis, muitas delas dadas legislativas, muitas delas aprovadas por unanimidade no tocante ao preenchimento do papel selado para repartição das coroas. As birras de quem perde o Poder. As atitudes inconscientes de políticos alérgicos ao pluralismo ideológico e, sobretudo, as declarações grosseiras de dirigentes mediocres. E depois a publicidade de chapéu na mão pedindo a remessa dos emigrantes e um turismo de qualidade que encha as algibeiras de meia dúzia de especuladores, amantes do ofício de dar graças ao senhor do gabinete tal. Não é proibido descrever de uma Democracia como esta, nem tanto pouco acreditar que ela possa ser consolidada com esta gente perra. Qualquer dia, a nós jornalistas, com esta liberdade de imprensa, arrancam-nos do leito, amordaçam-nos a voz e levam-nos para uma gaiola onde sejam queimadas todas as razões. Parece-me que tudo necessita de ser emendado pela Mão de Deus, por um milagre que nos ressuscite a Vida. É ser idealista, é verdade! Mas o entendimento entre os homens parece impossível e a sociedade portuguesa é vítima desse vazio. A educação principalmente tem tristes experiências. Criticam-se os modelos antigos e resgatam-se as sensibilidades modernas, ficando tudo na mesma. Mas ainda se mete a ridículo pes-

sas sem pretensões que outrora ajudaram o engrandecimento do nosso Povo. A descentralização foi varrida e quem dá ordens é só quem está em cima. Eles conhecem o País inteiro porque têm um apartamento no Algarve e uma quinta em Trás-os-Montes, onde estudam a inflação, o desemprego e a miséria.

Não posso ficar calado. Eis porque iniciei hoje as declarações desta «Voz Intima» que os senhores leitores terão oportunidade de conhecer.

Luis Monteiro Pereira

MOBÍLIAS

Compram-se, usadas, em qualquer estilo ou peças soltas.

Nesta redacção se informa.

PASTOR ALEMÃO

VENDE-SE

Casal, 3 meses, Reg. L. O. P. Óptimo pedigree. Telef. 22594 — TAVIRA. (2-1)

ARMAZÉM ALUGA-SE

Com 110 m² situado na Gonçinha.

Tratar com Dionísio Barros Viegas, R. Combatentes G. Guerra, 22 — LOULÉ (a partir das 18 h.). (1-1)

ELECTRICISTA

ADMITE-SE

Com experiência de força motriz e automáticos.

Nesta redacção se informa.

PROPRIEDADE COMPRA-SE

Propriedade rústica de preferência inculta, com mais de 20 hectares, compra-se, de baixo preço, entre Loulé e Vila Real de S. António.

Nesta redacção se informa.

VENDE-SE

- Casa c/ terra de semear.
 - Courela com 1.000 m² com terra de semear.
 - 1 courela com 10.000 m² com casa velha. Tudo no sítio do Areeiro.
 - Terra de areia, c/ pinheiros, no sítio dos Cabeçudos, perto de Vale de Lobo.
 - Courela c/ mato e terra de semear no sítio de Torrejão.
- Informa R. Ataíde de Oliveira, 29 — LOULÉ.

(3-3)



Se puder, coma fruta!

Por JOSÉ REBELO

Estamos na época da fruta e por isso convém que o leitor tenha conhecimento do bem que pode tirar em comer desta ou daquela fruta. Assim, queremos deixar aqui anotadas algumas das boas qualidades que tem o melão.

Dizem os entendidos que o melão contém em si três coisas essenciais para a saúde: a acidez, que é muito útil para dissolver os resíduos tóxicos do sangue, as mucosidades da garganta, os venenos do fígado e ainda os detritos que possam existir nos rins; açúcar, que sendo assimilado, se converte em alimento energético e finalmente a água mineralizada e vitamínica que ajuda a eliminar certos venenos do corpo, através da urina.

Em princípio e salvo indicações em contrário, o melão deve ser comido antes das refeições, pois é mais digestivo. Se este for comido depois das refeições estamos a referir-nos às principais, podendo produzir um transtorno gástrico ou intestinal, por as qualidades existentes neste fruto não ligarem bem com as substâncias gordas, oleosas e albuminóides existentes nos outros alimentos tomados na refeição.

O melão é recomendável para combater certas doenças, tais como: litíase renal, cirrose hepática, nefrite, cistite, sifilis, gonorréia e principalmente para doenças do sangue e anemia, em virtude da sua grande riqueza em ácidos solúveis e sais acalinos.

O melão pode comer-se em quantidade como única comida e pode ser acompanhado de outra fruta similar e compatível, como: uva, pêssego, cereja, ameixa, laranja, pera, maçã, morango e ananás; não convém combinar com: leite, vinho, carnes gordas, peixes e bacalhau, com tomate, batata frita, omelete e ovos fritos, presuntos, enchidos e finalmente como sobremesa.

No nosso País existem várias variedades de melão. Dizem que este fruto teve a sua origem na Índia, tendo aparecido em França no ano de 1492.

Segundo várias análises feitas ao melão, diz-se que este contém iodo, ferro, enxofre, magnésio, sódio, cálcio e outras matérias.

Este fruto é da mesma família da abóbora, melancia, e do pepino. Há quem tenha usado sementes destes frutos contra vermes intestinais. Também há quem tenha curado cólites comendo muito melão, normalizando assim as funções do intestino. O melão é recomendável para a mulher grávida. Este fruto, como grande diurético e purificador do sangue convém ser muito utilizado por quem sofra de doenças renais.

O melão combina bem com: bananas, figos, uvas, laranjas, pão, mel, peras, queijo fresco, batata e batata doce, morangos, castanhas...

ADUBOS

AUMENTAM 38%

(continuação da pág. 1) anterior, ou seja, de 2300 milhões de contos, ponderando o Ministério que a incidência do aumento do preço dos produtos agrícolas é muito reduzida, não levando a agricultura.

A mesma nota considera «extremamente gravosa para o erário público», e refere que não se conseguiu que os níveis de adubação, reduzido em Portugal, aumentassem significativamente apesar dos preços dos adubos nacionais terem atingido valores que são praticamente metade dos praticados nos restantes países europeus.

nhas assadas, com café, malte e pão torrado.

Embora haja um provérbio que diga: por cima do melão, vinho de tostão, está demonstrado que tal não deve ser, pois o melão não se dá bem com o vinho nem com o leite, isto regra geral.

E pronto caro leitor por agora deve chegar de conselhos sobre o melão. Como estamos na época deste fruto, é aproveitar, saber escolher, comendo-o sempre que a sua bolsa o permita.

É NECESSÁRIO PROTEGER O AGRICULTOR

(continuação da pág. 1) valorização dos produtos agrícolas, no produtor.

Compete aos Serviços Agrícolas Regionais a obrigação de ajudarem o agricultor a produzir mais e melhor e a alertar o Governo para a necessidade de dar, a quem produz, condições económicas e técnicas para que possa desempenhar bem a sua função.

Os interesses legítimos de quem produz não podem ser menosprezados a favor de quem consome.

Que os governantes encarem a sério e com vontade de resolver a situação crítica dos 800 mil portugueses que continuam a lutar, a sofrer e a esperar que para eles olhem, não como enteados, mas como filhos que são deste velho Portugal.

PARTIDAS E CHEGADAS

Acompanhado de sua esposa, sr.º D. Maria Bárbara Guerreiro, passou as suas férias entre nós, o nosso prezado amigo e assinante sr. Matias José Guerreiro, que durante largos anos prestou serviço na Repartição de Finanças em Loulé e exerce agora idênticas funções na Amadora.

A matar saudades da terra natal, deslocaram-se a Loulé o nosso prezado assinante no Canadá, sr. Álvaro Ramos Silva e sua esposa sr.º D. Aldina Silva.

PARA RIR...

— Em que ano morreu Napoleão?

— Não sei, senhor professor.

— Vejamos, olhe, foi seis anos após Waterloo.

— Lamento, mas também não sei em que ano morreu esse senhor.

— Tenho de deixar de fumar porque me faz mal...

— Ao estômago?

— Não! faz-me mal aos rins; por me baixar para apanhar as «beatas»!...

A esposa:

— Se eu tivesse um marido bêbado, fugia para casa de meus pais.

O marido:

— Não me tentes. Não me tentes. Bem sabes que o álcool me faz mal ao estômago...

ERA UMA VEZ...

Era uma vez uma toupeira. Andava todo o dia atarefada em cortar e escavar as suas galerias subterrâneas em cata de algum bicho que pudesse satisfazer-lhe os apetitos do estômago.

Para descansar e tomar um pouco de ar veio à rua e, com os seus olhos pequeninos e míopes, ainda conseguiu divisar a certa distância, sobre um rochedo, um vulto estranho...

Ficou-se a olhar, mas não se atreveu a aproximar-se, não fosse ser algum bicho do outro mundo, que se comesse. Que lá bicho era com certeza, porque se movia...

Adregou de passar por ali uma lebre, cosendo-se com as ervas e acidentes do terreno, não fosse o vulto vê-la e chamar-lhe sua.

— Amiga lebre, que é aquilo?

— Ai, vizinha, deixe-se esconder. Aquilo é uma águia e, se nos vê, já não fica sem jantar...

Toupeira e lebre meteram-se num buraco e foram conversando enquanto a lebre espreitava que a águia levantasse voo. E dessa conversa ficou a toupeira a saber coisas inacreditáveis em que ela, de facto, não acreditou, supondo-as filhas da credicice e superstição da lebre, produto do seu medo inato.

Contara-lhe a lebre que a águia com as suas asas possantes, sem temer para seus olhos a luz do sol, se elevava a grandes alturas e que lá de cima podia avistar grande parte de uma planície e ver os animais mesmo bastante pequenos, que, cá por baixo, andam moejando e, escolhendo algum para vítima da sua voracidade, se lançava repentinamente sobre ele, sem lhe dar tempo de buscar abrigo.

— Não pode ser, comadre, não pode ser.

— Mas se é assim mesmo!

— Desculpe, mas não acredito. Não é que eu duvide da comadre. Mas a comadre não viu isso. Ouviu contar e, porque não gosta de mentir, julgou que os outros não mentem e acreditou...

— O comadre! Se ainda há d'as eu vi a águia arrebatar um primo meu. O que me valeu a mim foi que a águia não podia levar-nos os dois ao mesmo tempo. O porre do meu primo foi apanhado e eu fugi...

— Mesmo assim, comadre, mesmo assim. É coisa tão impossível que não acredito. Tenha paciência.

— Então, comadre, há um meio de tirar as dúvidas. É passear lá fora, em campo aberto, onde a águia a possa ver.

— Mas nem vale a pena, isso é impossível...

E com esta evasiva, mais filha do medo de fazer a experiência que a obrigaria a reformar os seus «esquemas mentais» do que de qualquer convicção, pôs fim à discussão.

A sua vida continuou a desenvolver-se nos corredores subterrâneos, onde a águia não podia entrar, mas com uma ou outra fugaz saída à superfície da terra, a horas de luz morta em que, normalmente, a águia estava a descansar. E continuou a dizer que era mentira o que a lebre lhe havia contado.

— x —

Infelizmente, aquele materialismo positivista que, sob ação da Neo-Escolástica, do Intuiçãoismo bergsoniano e outras correntes filosóficas tinha começado a retroceder, está de novo vivo no meio de nós, como consequência do pragmatismo (apesar de o corifeu do pragmatismo, William James, classificar de «tolice clássica do materialismo» a conhecida *boutade* de Cabanis «Nunca encontrei a alma na ponta do meu bisturi») e por influência do materialismo político marxista. Mas não só por isto. A maneira de ensinar (?) filosofia nos nossos liceus e universidades, quer agora, quer no tempo do «fascismo», com uma enumeração amalgamada das opiniões mais dispares e contraditórias, sem crítica, sem discernir o trigo do joio, não podia deixar de levar a um ceticismo, a um positivismo prático que tinha depois de tornar-se teórico também. E, ademais, ouvia-se nas aulas cada tirada contra o dogmatismo e as atitudes dogmáticas, sem distinguirem os vários dogmatismos, como faz a boa filosofia.

E se se nega como a toupeira o que não cai debaixo da nossa experiência pessoal, vai-se a alma e vai-se Deus, vai-se a Religião, vai-se a Igreja, como Instituição divina e como necessidade vital.

E não teremos nós, os filhos da Igreja, também contribuído para criar este clima agnóstico e positivista, suprimindo, em nossos seminários, a sólida cultura

filosófica aristotélico-tomista, para nos limitarmos aos magros e inconsistentes cartapácos de fantaria fabricados para os liceus? E o que se fez, em tantas partes, à apologética considerada inútil pela razão simplória de que a Apologética não converte ninguém.

Aqui impõe-se uma distinção: radical e eficientemente, a conversão e a santificação são obra da graça de Deus que nenhum meio humano pode substituir. A Apologética, neste sentido, nunca converte ninguém. Como, também neste sentido, nem a Teologia nem a Pregação nem mesmo a Liturgia converteram nem santiificaram ninguém.

Mas é pecar contra a luz dizer que a Apologética, como a Teologia, etc., não foram instrumento de conversão e salvação, ou de confirmação na fé.

Mas, se é ilógica a atitude da toupeira, será mais lógica a de todos os agnósticos humanos?

J. C.

A SUA VIDA VALE MAIS QUE O SEU DINHEIRO...

1 — Não tome nenhuma atitude que ponha em risco a sua segurança pessoal.

O assalto pode ser definido como a morte à procura de oportunidade.

2 — Se o assaltante exhibir armas de fogo, considere-as carregadas.

3 — Accione o alarme quando o puder fazer em segurança.

4 — Tente alertar os outros colaboradores fazendo uso de sinais previamente combinados.

5 — Siga as instruções do assaltante mas não demonstre «boa vontade».

6 — Dé ao assaltante apenas a quantidade de dinheiro que ele exigir.

7 — Evite defender-se com armas de fogo, em especial quando sob ameaça de outra.

As circunstâncias estão contra si.

8 — Tenha calma e observe bem os assaltantes.

A idade, raça, altura, modos de falar e andar, cicatrizes e demais características são essenciais à condução das investigações.

O tipo, tamanho e cor da arma, interessam também aos investigadores.

— Acompanhe e colabore com os agentes de investigação da forma que lhe for possível. Esteja disponível para entrevistas e para testemunhar em tribunal, se necessário.

— Esta cooperação poderá resultar não só na recuperação dos seus bens, como poderá evitar que outras pessoas venham a ser vítimas de assaltos.

VIAGEM ÀS CIVILIZAÇÕES MILENÁRIAS

19 — BELÉM

Deixámos para trás a gruta do Menino Jesus, mergulhada na paz e no silêncio. Junto a ela, num prolongamento da mesma, estão-se a celebrar, constantemente, missas. Podem assistir umas 70 pessoas, pois não cabem mais. Parámos a assistir. Mesmo para um leigo, é uma cena bastante comovedora, assistir a uma missa celebrada onde Jesus veio ao Mundo.

A maior parte das pessoas presentes choram em silêncio, às vezes, disfarçada. Os próprios sacerdotes levam o lenço ao nariz e não nos constou que, com o tempo que faz, haja constipações.

Só se pode compreender tendo lá estado. É difícil arranjar palavras para descrever a espiritualidade.

Neste mesmo local morreu S. Jerónimo, que traduziu a Bíblia do hebraico para o latim.

São quase 2 horas da tarde. Estamos agora no exterior, em pleno centro da cidade de Belém.

Procuramos um restaurante. Encontramos uma espécie de Self-Service. Logo que nos sentámos, à nossa mesa vêm parar uns 5 pratos com especialidades orientais que, pelo cheiro de uns e paladar de outros, são postos de lado. Nem ficámos a saber o que aquilo era.

Depois trazem-nos pequenos pedaços de carne assada nas brasas, secos e duros como sola. Temos que comer. Ainda hoje estamos para saber que carne era aquela, se de burro, de boi, ou camelo. Comeu-se.

O autocarro que tomámos parou, pouco depois, num local gênero miradouro, de onde se avistava o Campo dos Pastores, assim chamado por ser frequentado pelos pastores no tempo de Jesus, e onde eles foram avisados pelo Anjo do nascimento do Menino. Parados, no tempo e no lugar, admiramos a bíblica paisagem, que mais parece um sonho do que a realidade.

Resolvemos deixar o autocarro por um motivo de grande interesse que entretanto descobrimos: o túmulo de Raquel, mesmo ali a poucos metros, lugar sagrado para os judeus. Para lá entrarmos tivemos que pôr na cabeça a mitra hebraica. Há judeus a rezar orações que não compreendemos e cerimónias religiosas que não atingimos. Raquel foi uma das mulheres que chorou a morte dos seus filhos que, juntamente com todos os meninos de Belém, Herodes mandou matar a fim de apanhar Jesus.

Também aqui os soldados israelitas estão a postos, com mil olhos para todos.

Regressámos a Jerusalém ao cair da tarde, mas ainda a tempo de irmos até ao Monte São. Aqui encontra-se a Igreja da Dormição, o mais importante monumento deste Monte.

O nome vem-lhe devido a ser o local onde Nossa Senhora adormeceu e ascendeu ao Céu. Numa ampla sala, dentro de um sumptuoso mausoléu, vimos uma imagem da Virgem Maria, em tamanho natural, deitada, feita de madeira castanha e de face e mãos de marfim. O artista soube-lhe imprimir um ar de sereno adormecimento.

Noutra dependência encontramos o túmulo do rei David, lugar também sagrado dos hebreus. É imponente. Junto a ele, um rabino abençoa os visitantes. Claro, para lá estarmos, tivemos que colocar a mitra na cabeça.

Sutimos umas escadas gasta pelos quase vinte séculos. Estamos agora no Cenáculo, isto é, a sala onde Jesus Cristo teve a última ceia. É tal qual como a tínhamos idealizado. Faz-nos lembrar o refeitório do Mosteiro de Alcobaça, mas em mais pequeno tamanho.

M. Vazão

OLHE O PERIGO DE FRENTE!

Na estrada caminhe sempre pelo seu lado esquerdo

circular e viver.

Estatística de acidentes de viação

— Primeiro semestre de 1978

Apesar da diminuição do número de mortos, em relação ao ano transato, registou-se no primeiro semestre de 1978, um ligeiro aumento, no índice de sinistralidade que enluta as estradas portuguesas.

A campanha de segurança rodoviária «Circular é Viver» divulga os elementos estatísticos relativos ao número de acidentes, mortos e feridos registados no primeiro semestre e, mais uma vez, chama a atenção dos automobilistas para a necessidade do cumprimento rigoroso do Código de Estrada e

das normas de segurança, evitando nesta época permanecer ao volante durante várias horas, não efectuar ultrapassagens perigosas e respeitar os limites de velocidade em vigor, para que as estimativas futuras não venham a ser uma triste realidade.

Valores absolutos — 1978 (primeiro semestre) Acidentes, 21.102; mortos, 975; feridos, 16.432.

Taxas de sinistralidade (primeiro semestre de 1978) — mortos/accidentes, 0,92; Feridos/accidentes, 0,93; mortos + feridos/accidentes, 0,93.

ALGARVE/78, O QUÊ?

(Continuação da pág. 1) gional de Turismo do Algarve, Presidente da Câmara Municipal de Loulé, e personalidades da causa civil e militar da Presidência da República.

Dezoito Ranchos Folclóricos representando todas as províncias do Continente e ainda as ilhas Atlânticas dos Açores e da Madeira, animaram este festival perante a curiosidade de uma multidão calculada em mais de cem mil pessoas.

O espetáculo iniciou-se sob o multicolorismo do fogo de artifício que se desfazendo em pérolas de mil cores iam morrer nas águas irrequietas da romântica marina.

A Banda Filarmónica Artistas de Minerva e o grupo de bombos «Os Mareantes do Rio Douro» bem como um enorme grupo de cabeçudos e gigantones emprestaram um certo brilho à viagem tornando-a numa autêntica manifestação de arte, alegria e cultura.

Uma manifestação que teve o condão de unir Portugal mais a si próprio e abrir de par em par as portas a um turista curioso e desejoso de saber um pouco mais desta terra que tão dignamente o soube receber.

Este Algarve-78 foi na verdade um espetáculo tão grande e tão completo quanto na verdade um espetáculo deste género deve ser.

E só com iniciativas deste género é que nós poderemos chamar pessoas. Atrair turistas, cativá-los. E, ao mesmo tempo, sentir-lhe dentro do peito um certo bichinho a roer-lhe o coração com saudades de voltar.

E, se de facto o turismo é uma fonte inesgotável de receitas, há que saber aproveitá-las convenientemente. Há que saber planificar. Estruturar. Há que saber pôr em marcha ideias válidas como esta onde mais de uma centena de milhares de pessoas tão condig-

namente souberam responder à chamada.

Se por outro lado pensarmos que o turista que nos visita é um milagre de Deus, é um pensamento tosco que não convence ninguém.

Esse milagre a que alguns poderão chamar milagre, nada mais é do que um arregaçar de mangas de forma a trilhar com passos certos e seguros o caminho do progresso.

Numa sociedade a sério não há lugar para milagres. Há, sim, trabalho, planificação, honestidade e, sobretudo, competência.

Foi isto que divisei no segundo Festival Nacional de Folclore.

Sabemos que em Vilamoura nem tudo correu sobre rodas como seria de desejar. Mas, meus amigos, não vamos fazer da organização o eterno cavalo de batalha e transportar para os seus ombros todas as deficiências que porventura encontrámos.

A organização foi impotente para «sustar» cem mil pessoas que atropelavam tudo e todos para assegurar o melhor lugar. E é precisamente aqui que cabe um voto de louvor ao Corpo Nacional de Escutas de Loulé pela colaboração que neste capítulo prestou à organização do certame.

A falta de policiamento fez-se sentir e foi bastante notada pelos homens da informação.

O espetáculo em si, foi aquilo que já se adivinhava: um êxito.

Dos dezoito ranchos que evoluíram sobre o tablado difícil seria enumerar o melhor. Todos deram o melhor de si próprios. E em nossa opinião, não houve vencedores nem vencedores. Houve apenas um festival que no fundo não foi mais do que um encanto para os nossos olhos e um convite para sonhar.

Terminado que estava este «Algarve-78» impunha-se ouvir a

opinião de alguns espertos e participantes em tão importante certame.

Augusto de Castro, presidente do Folclore Nacional, diria à nossa reportagem: — Foi extraordinário. Estou satisfeitosíssimo, como deve calcular. Este festival ultrapassou todas as nossas expectativas.

— Qual foi o melhor Rancho? Todos. Todos foram bons. Todos foram iguais a si próprios. 20 valores para todos é a minha nota.

— Acha que é de continuar com novas iniciativas deste género?

— Concordeza. Aliás, depois deste êxito retumbante a que acaba de assistir nem outra coisa será de esperar.

— Pessoal! Sei lá. Acho que deveriam ter assistido entre cem a cento e vinte mil.

— Maria Leonor a apresentadora do espetáculo e uma das expressões máximas da locução nacional diria à «Voz de Loulé»: — Gostei do espetáculo. Tanto mais que o folclore, para mim tem um significado muito especial e sou uma fervorosa admiradora de folclore. Pena é que não pudesse ter presenciado em pormenor o evoluir de cada rancho no tablado. Trabalhei em péssimas condições. Tive quase sempre imensas dificuldades em ver o que se passava sobre o palco, pois o público tapava-me por completo a visão que me deveria ter sido dada.

Quanto a mim, o palco era muito pequeno, e deveria estar circundado de forma a que nos fosse fácil obter uma visão correcta em toda a sua extensão. Isto, também facilitaria a entrada e saída dos ranchos e agrupamentos folclóricos.

Houve muita falta de policiamento. E um erro imperdoável da organização foi o de não ter uma

tribuna cu outro local próprio para os órgãos de informação. Posso até dizer-lhe que aqui a meu lado estava um jornalista do «Diário Popular» a trabalhar de pé sobre um caixote para poder acompanhar o que se passava no palco.

Também tive problemas com a captação do som.

— Se se deve continuar com mais iniciativas do género? — Pois claro que sim! Este festival foi um espetáculo maravilhoso. Também tive o prazer de ter aqui a meu lado na cabine uma senhora holandesa que é professora de folclore, e posso-lhe dizer que ela ficou maravilhada com este festival. Inclusivamente, após o encerramento do festival quando houve um «vira» dançado por elementos de todos os ranchos, ela aí vai entusiasmada para cima do palco toda satisfeita para poder dançar também.

E pronto, fizemos ainda mais algumas entrevistas que contaremos apresentá-las no nosso próximo número, em especial uma que nos foi concedida pela «loirinha» da Camacha que apesar dos seus 52 anos de idade continua a ser uma das pedras bases daquele rancho, e, poderemos dizer-lhe é efectivamente um «grande ponto»...

PEDRO GOMES

SETEMBRO... com sabor a Agosto

(Continuação da pág. 1) ridente e abrasivo sol de Agosto, a pontos de fazer crer que o mês de Setembro em curso mais parecia com o seu homólogo e cálido antecessor.

Desta feita, o tempo veio temporizar com efeito com aqueles que, por diversas razões, escolheram Setembro, como período de férias, não desenganando os vaticínios mais optimistas e confiantes.

Com o seu ar bonacheirão, o sol não se furtou aos veraneantes mais retardatários e tem-lhes proporcionado, com igual imparcimonia e prodigalidade, a radiação dos seus doirados raios.

De resto, é necessário acenhar, a sua perdulária generosidade, nada tem de setembrina, antes pretende convencer-nos de que o verão pode muito bem ir além da quadra normalmente consociada com o estio. Que o dia, por outro lado, os valores termométricos...

Noutros termos, esta «sionomia bonança» deve influir sobremaneira no surto turístico cognominado de «época alta».

Se esta obtiver correspondência, a eventualidade de férias dilatadas quanto ao motivo que as determina (belezas naturais enquadradas por atraentes estâncias hoteleiras) mantém-se viável, o que a traduzir-se, economicamente, virá concorrer para valorizar o resultado do ano turístico ainda em aberto, neste rincão algarvio, onde o verão é mais longo.

J. C. V.

VENDE-SE CARRO

Peugeot 404, diesel, em bom estado.

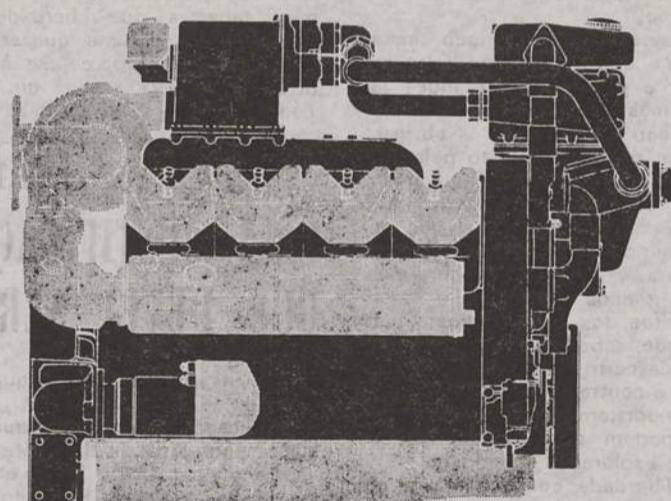
Nesta redacção se informa.

SCANIA

Exposição de Motores

Marítimos

em Portugal



DS14

Para variar, os motores marítimos a diesel de marca SCANIA vão para a rua. A exposição itinerante SCANIA visitará os portos mais importantes de Portugal durante o período de 2 semanas a começar a 4 de Setembro.

Os dois motores marítimos SCANIA mais comuns, serão apresentados num camião exposição especialmente equipado pela fábrica na Suécia.

Esta exposição móvel deu a volta à Europa durante quase 3 anos e foram feitas exposições na Noruega, Dinamarca, Ilhas Faroe, Finlândia, Inglaterra, Escócia, Irlanda, França, Holanda, Bélgica, Itália, Grécia e Suécia.

A bordo do camião exposição poderão encontrar um motor SCANIA a diesel de 14 litros de cilindrada — V8 desenvolvendo 357 H.P. em carga pesada, em potência contínua e um motor de 11 litros com 6 cilindros em linha com 275 H.P. em potência contínua. Ambos os motores estão

equipados com turbo-compressor e ar refrigerado na admissão.

O motor de 11 litros de cilindrada é um SCANIA DS11 totalmente equipado para propulsão marítima com uma caixa redutora/inversora hidráulica SCG MRF 700 e uma tomada de força Twin Disc montada na frente.

A exposição estará patente ao público nas seguintes datas e locais:

- Dia 4-9-78 — Póvoa do Varzim — Vila do Conde
- Dia 5-9-78 — Matosinhos
- Dia 6-9-78 — Figueira da Foz
- Dia 7-9-78 — Nazaré
- Dia 8-9-78 — Peniche
- Dia 11-9-78 — Setúbal
- Dia 12-9-78 — Sesimbra
- Dia 13-9-78 — Lagos

Dia 14-9-78 — Portimão

Dia 15-9-78 — Olhão

Dia 18-9-78 — Quarteira

Dia 19-9-78 — Tavira

Em todas as localidades, a exposição terá lugar junto à lota do pescado a partir das 7h 30m da manhã.

Para informações complementares, consultar o representante em Portugal:

Lisboa — CIMPOMÓVEL — Av. Infante D. Henrique, 328 — Lisboa 6 — Tel. 381504 - 383151

Porto — CIMPOMÓVEL (NORTE) — Rua Delfim Ferreira, 679 — Tel. 693495 - 693515

Leiria — CIMPOMÓVEL — Alto do Vieiro — Tel. 25005 - 25006

Faro — CIMPOMÓVEL — Estrada Nacional 125 — Km 104 Lote 4 r/c Dt.º — Tel. 26079

BACALHAU PASSA DE LONGE? PORQUÊ?

Segundo divulgado pela imprensa da capital, vão ser lançadas até ao fim do ano no mercado consumidor cerca de 11 700 toneladas de bacalhau, pelas praias de Lisboa, Aveiro e Porto.

Numa primeira fase, asseguram os meios noticiosos, serão distribuídos 85 mil fardos de bacalhau até Outubro, sendo os restantes 110 mil fardos lançados em fins de Novembro ou princípios de Dezembro.

Como não se vislumbra qualquer posta de bacalhau à venda, no Algarve, e isto, desde que a vaga turística toimou conta desta província, é caso para perguntar se a praça de Lisboa, que certamente terá por incumbência abastecer também toda a zona sul, estará capacitada a dar resposta coerente à escassidão que grassa por estas bandas.

Pessoa conhecida, deslocou-se num destes dias ao Porto, tendo notado, nessa cidade, a existência do apetecido bacalhau precisamente na ocasião em que o mer-

cado local denota confrangedora e completa míngua do produto referido.

Naturalmente, ficámos atónitos, com as incongruências verificadas.

Como assim, há bacalhau no Norte e não há no Sul?

Como então se processa pelo País, a distribuição parcelar do bacalhau, de forma a contentar por igual, as necessidades do consumo?

Como se explica a abundância de um lado e a penúria do outro?

Algum ou alguma entidade certamente responsável supervisionará esta distribuição.

Que explicação dará a esta contraditória situação?

Se bacalhau há, que o comam todos, sem exceções. Isto é transparente.

Será bom, portanto, que nas próximas distribuições esta zona do País seja também contemplada, com equitativos aprovimentos.

APONTAMENTO

Esta palavra LIBERDADE

Falemos, hoje, da liberdade. A liberdade, como todos sabem, é antes de mais o poder de cada um fazer aquilo que não é proibido por lei.

Na prática, e para certos indivíduos, a liberdade é, acima de tudo, a maneira mais fácil de levar a água ao seu moinho.

Grita-se, por toda a parte — Liberdade!

Palavra, de certo modo, maravilhosa, e por isso não falta até quem a prometa em grandes festeiras, mas que, para além da sua definição pragmática, nos obriga a ter em conta o respeito pela moral pública, que é como quem diz, pelos usos e costumes do povo e da sociedade em que nos enquadramos. Pois se assim não fosse, era caso para procurarmos, onde iríamos parar.

Muitos dos que a pregam a liberdade, sabem perfeitamente que fora de certos parâmetros, a liberdade é contraproducente. Mas não se importam com isso, se com ela podem atingir fins políticos ou de exploração económica.

A liberdade, constitui assim, um «slogan», de que se servem também os especuladores. Esta é uma forma de aviltar a palavra

liberdade. Dá-se-lhe, desta maneira, um significado inverso, que ao fim e ao cabo, só opõe os mais necessitados. É caso para ponderarmos, com realismo, as verdadeiras facetas da liberdade que, por vezes, tanto nos aprofundam.

Quando certas pessoas nos falam de liberdade, logo procuram saber a que liberdade se referem, se à legítima, que se baseia na ordem jurídica, se à fictícia, e que leva a cada um proceder sem ter em conta a que

atinge, por sua vez, os direitos dos outros.

De uma maneira geral, todos desejamos e amamos a liberdade. Mas a liberdade que não seja anti-natural e que respeite a lei dos homens e de Deus. Só esta liberdade, compreendemos e aceitamos, e nunca qualquer forma de libertinagem, como a que tantos aprofiam e campeia, por vezes, desenfreadamente, por esse mundo fora. Em suma: — Liberdade, que se coaduna com a Dignidade.

MACHADO PINTO

CARTAS AO DIRECTOR

UMA JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL QUE DEVIA SER JUSTIFICADA

Foi inserto no jornal que V. Ex.º dirige, em 22/12/77, uma «Justificação notarial» na qual se aponta que Analide da Ponte Viegas e mulher Maria Antoneta G. R. Viegas e Carlos Felizardo Viegas e mulher Maria Rolita F. Viegas são donos de um terreno sem a menor oposição de quem quer que seja, posse pacífica, inscrito com o valor declarado de 20 000\$00. Uma pequena discrepância: — Em 6 de Maio de 1974 o valor declarado ou atribuído era de 3 500 000\$00 (três milhões e quinhentos mil escudos). Na família Francisco Jacinto Viegas os irmãos eram: — o filho ilegítimo António Jacinto, o Francisco, o José, o Aníbal, o Carlos, o Analide, a Maria da Ponte e a Isilda. Portanto, a divisão deveria ser feita por sete partes e meia.

Porque foi repartido em Tribunal o dito terreno por cinco partes e depois ficou pertença de duas partes, Carlos e Analide?

Porque motivo tem a Isilda em seu poder um cheque de 200 000\$, preenchido no Tribunal de Loulé por um funcionário e assinado pela mulher do Analide e esta se recusa a pagar tal importância? Porque não receberam ainda os outros herdeiros a parte que lhes pertence?

Como sei que o jornal de V. Ex.º está contra a tirania de um capitalismo degradante e cruel que faz do dinheiro um ídolo, por isso arranjei disposição para redigir e propalar tal confusão, diga-

mos assim, ou usando de termos suaves.

Não me alongarei mais e para finalizar julgo ser meu dever apresentar a V. Ex.º, não direi as habituals desculpas subserventes, bajulatórias vamos lá, mas aquelas que revelam seriedade atendendo ao tempo que tomei, que fiz perder.

Queira dispor sempre do João Augusto Silva Liberato Júnior

Avenida Dr. António Rodrigues Manito, n.º 614.º, F. — SETÚBAL

A EPAC e os secadores de milho

O tempo vai quente e os milhares vão crescendo e formando as belas espigas de grão branco ou amarelo.

O tempo vai quente, como dizímos, mas na altura da colheita do milho, principalmente no Noroeste, é possível que já não se apresente com o calor necessário para que o grão fique só com a humidade que permite conservá-lo sem perigo, principalmente se o agricultor semeou variedades de ciclo longo.

Há que meter as espigas nos canastos ou espigueiros onde, pelo arejamento e pelas résteas de sol que vão aparecendo durante um inverno mais ou menos chuvoso, vá perdendo a humidade, permitindo debulhá-las sem perigo do grão se vir a estragar. Tanto trabalho: colher, trans-

Cena de facadas em Loulé provoca em ressaca polvorosa e espanta públicos

Loulé é uma plácida vila de vida rotineira mesclada de indústria e bucolicismo.

Tudo que acontece para além das banalidades, sensaborias e da pacatez quotidiana, toma foros de sensacional e entra logo no domínio das murmurações.

Não será preciso muito, basta que qualquer acontecimento fuja à quietude consuetudinária das irrelâncias e do ramerrão das devoções triviais para que a voz pública venha pressurosumamente reclamar o seu linguareiro quinhão.

Não admira, portanto, que uma cena de facadas ocorrida recentemente (nas primeiras horas de 8 passado) tenha sido largamente comentada com larga soma de pormenores e versões, confirmando não raro o adágio que diz «quem conta um conto sempre acrescenta um ponto».

Felizmente, que não acontece todos os dias, neste nosso burgo, contendas que degenerem em facadas, o que por si constitui sobrejo motivo de verberações e de espanto generalizados, por vezes estimulados de muito menos razões.

Agora sim, rufias puxaram por navalhas e fizeram alarde do seu gratuito sadismo correndo ao ar-

repio do anátema público. O episódio foi esmiuçado, como é de ver, justificadamente, em profundo admisível.

Também nós, alertados mais pelas consequências do que propriamente pela refrega, nos pussemos em campo e procurámos saber a veracidade dos factos.

Eis o que em resumo apurámos.

Seria cerca de 1 e 30 de 8 passado, quando Joaquim Fernandes Molina, de 39 anos, solteiro, vendedor ambulante, no interior do Café Delfim e na companhia de seu irmão, Joaquim Neves Molina, de 20 anos, também vendedor ambulante e outros ciganos, exibiu uma navalha de ponta e mola e provocou a clientela ali presente.

Acto contínuo dado o insóito procedimento, gerou-se confusão,

pelo que o dono do estabelecimento tentou serenar os ânimos.

Não foi, porém bem sucedido nos

seus propósitos, tendo sido agredido no ventre por uma navalha desferida pelo Joaquim Molina, que momentos depois, assim como seu irmão (suspeito de ter anavalhado José de Almeida Mestre, residente em Ponte da Tór), foram capturados pela PSP local, que tomou conta da ocorrência.

José Mestre, foi imediatamente removido pela ambulância dos Bombeiros Municipais para o Hospital desta vila e daí para o Hospital de Faro, por se julgar, na ocasião, grave o seu estado.

No local da briga foram encontradas duas facas, supondo-se que uma delas pertencia ao Neves Molina.

Os provocadores, sofreram entretanto algumas escoriações e ferimentos, dos quais receberam tratamento no Hospital local.

Os capturados, seguiram para Faro, onde serão submetidos a julgamento.

CRIMINALIDADE AVANÇA

— Em 1977: Um crime em cada 17 minutos

— Previstos para 1978: um crime por 15 minutos

Durante uma semana (de 4 a 9 de Setembro), funcionou na Fundação Gulbenkian o 8.º Congresso Internacional de Criminologia que reuniu delegados provenientes de todos os quadrantes mundiais.

No desenrolar dos trabalhos os congressistas expuseram a situação criminal dos respectivos países.

No tocante à criminalidade observada em Portugal e com base nas estatísticas organizadas pela PSP, verifica-se que em cada 17 minutos ocorre em 1977 um crime de delito comum.

A previsão para 1978, estima um agravamento desta média, de um crime de quarto em quarto de hora.

No entanto, tendo em conta o que vai lá por fora, os criminologistas portugueses concebem que embora elevado este índice o mesmo se situa dentro dos limites de tolerância europeus, por quanto abaixo daquele que se verifica noutros países.

As razões invocadas que explicam o aparecimento do crime organizado em Portugal, segundo a versão dos especialistas, têm por base três factores principais: a crise económica e a guerra colonial.

Assim, a crise económica e social que se arrasta há anos e se agravou depois do 25 de Abril é apontada à cabeça das condições que ditaram o crescimento da criminalidade.

Deste modo, tanto o regresso de portugueses das ex-colónias, vítimas do desemprego, adicionado ao caso de antigos combatentes, também em idêntica situação

compeliram aguns deles a se dedicarem ao crime como fonte regular de subsistência.

Surgem também como factores, influentes o elevado número de caboverdeanos (circunscritos à rixa e a pequenos delitos) e os ciganos, que segundo aventurem os criminologistas, se dedicam em parte ao crime organizado pontual.

Reconhecidas que são, as condições económico-sociais reinantes, como culpadas deste fenômeno, os especialistas são concordes em admitir que este só tenderá a conhecer melhoria quando as reformas beneficiarem as estruturas sociais, em estado actual precário em muitos dos seus extractos, em especial respeitantes às classes menos desfavorecidas.

LUBRIFICANTES

AUMENTAM DE PREÇO

Em face à desvalorização do escudo, razão alegada pela empresa pública Petrogal — Petróleos de Portugal, os lubrificantes para automóvel por si produzidos e comercializados sofreram um agravamento de 12%.

O agravamento aludido começou a vigorar sobre os fornecimentos processados a partir do passado dia 1 de Setembro.

O aumento abrange igualmente os lubrificantes industriais, e decorre seis meses depois do anterior registado.

A VOZ DE LOULÉ

portar ao canastro, armazéná-lo para, passado tempo, o retirar a fim de o malhar e o poder vender.

Quanto mais fácil não seria se os agricultores da freguesia pudessem dispor de um secador que, a preço compatível, lhes casasse os milhos em meia dúzia de horas.

Ouvimos dizer que a E. P. A. C. está mentalizada para oferecer aos pequenos agricultores umas centenas de secadores, instalando um por freguesia. Será isso viável? Tem a E. P. A. C. dinheiro mais do que suficiente para pôr de pé essa ideia. Se o não tivesse, não teria dispendido uns milhares de contos numa propaganda televisiva para nos informar de que era uma empresa pública ao serviço da agricultura,

como se uma empresa pública não tivesse que estar ao serviço do povo.

Um secador por cada freguesia do Noroeste, onde as explorações em áreas inferiores a 1 hectare são vulgares, seria realmente uma boa maneira de servir os agricultores, os quais facilmente se deslocariam ao local previamente escolhido com as produções e aí secariam o milho entregando à E. P. A. C. a parte destinada à venda e retomando o caminho de casa com o restante, destinado ao consumo. Se a ideia dos secadores se concretizar, esperamos que a não «envolva» numa burocracia de papéis e mais papéis a preencher, que faça desanimar o agricultor e que o secador não passe só a servir alguns em vez de servir todos.

R. M.